

CONSTRUINDO NOVOS SABERES POR MEIO DE EXPEDIÇÕES DE ESTUDOS NA NATUREZA

Maria Elisabeth Valls de Moraes¹

Cátia Silene Carrazoni Lopes Viçosa²

Resumo: Este trabalho visa analisar o desenvolvimento de Expedições de Estudos, em uma perspectiva de Educação Ambiental, na disciplina de Educação Física. É um estudo de caso qualitativo com perfil de pesquisa-ação, participaram alunos de 6º ano de uma escola pública de Uruguaiana (RS). A atividade dividiu-se em quatro etapas e adaptou-se a modalidade do aprendizado sequencial durante as duas trilhas. Os resultados indicaram mudanças nas percepções sobre natureza, nas relações sociais e no pertencimento ao local. Conclui-se que a proposta, como prática corporal de aventura na natureza, permitiu ampliar a percepção dos estudantes acerca da natureza demonstrando a transversalidade entre estes conhecimentos e a promoção da Educação Ambiental a partir de Expedições de Estudos.

Palavras-chave: Educação Física; Trilhas; Educação Ambiental.

Abstract: This work aims to analyze the development of Study Expeditions, from an Environmental Education perspective, in the Physical Education discipline. It is a qualitative case study with an action research profile, with the participation of 6th grade students from a public school in Uruguaiana (RS, Brazil). The activity was divided into four stages and the sequential learning method was adapted during the two trails. The results indicated changes in perceptions about nature, social relationships and belonging to the place. It is concluded that the proposal, as a bodily practice of adventure in nature, allowed to expand the students' perception about nature, demonstrating the transversality between this knowledge and the promotion of Environmental Education based on Study Expeditions.

Keywords: Physical Education; Trails; Environmental Education.

¹ Secretaria Municipal de Educação de Uruguaiana/RS. E-mail: melisabethmoraes@gmail.com

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1353257688904823>

² Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul. E-mail: catialopes00@gmail.com

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2756461468265473>

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 5: 188-201, 2024.

Introdução

Na atualidade, o ensino de Educação Física escolar (EFe) enfrenta um cenário desafiador frente a vasta gama de interesses divergentes que permeiam o cotidiano dos estudantes. O uso, nem sempre responsável de tecnologias, atua negativamente na atenção ao estudo e à prática dos vários objetos de conhecimento desta área de Linguagens. Conforme o Relatório Unesco (2023), a complexidade deste assunto é demonstrada a partir de seu título “Tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem?”. Nele se discute as oportunidades e desafios atuais da tecnologia na educação, além de condições necessárias ao cumprimento do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4) para a educação de qualidade. Convivendo com essa situação atual, a EFe vem buscando potencializar o pleno desenvolvimento, do educando e da educanda, com aulas que envolvam os alunos e seus contextos com questões atuais e pertinentes para a aprendizagem.

Para Darido *et al.* (2018), as discussões do Movimento Renovador, ocorridos na década de 80 na Educação Física, possibilitaram a evolução da área de conhecimento, principalmente em sua atuação na escola. Questionando o enfoque excessivo e reducionista dado ao esporte e a aptidão física, promotores de aulas excludentes. Dessa maneira, consolidou-se o conceito de cultura corporal de movimento, advindo da produção e transformação de um conjunto de práticas corporais utilizadas e desenvolvidas pela humanidade (Darido *et al.*, 2018).

Atualmente essa revisão proporcionou um novo currículo à EFe, a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nela os temas abordados e debatidos são as brincadeiras, jogos, lutas do Brasil e do mundo, esportes, ginásticas, danças, práticas corporais de caráter de aventura e as realizadas na natureza (Brasil, 2017). Segundo Darido *et al.* (2018), as práticas corporais devem possibilitar aos alunos e alunas a igualdade de oportunidades, a reflexão crítica, o respeito às diferenças, sendo étnicas, sociais, religiosas ou de gênero, a inclusão e o conhecimento histórico articulado com seus saberes e significados enfatizando a saúde e o lazer. De acordo com a BNCC, o universo de possibilidades da EFe na Educação Básica, compreende além dos saberes corporais “experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orientam as práticas pedagógicas na escola.” (Brasil, 2017).

Dentre as possibilidades, de enfrentamento dos desafios relacionados ao ensinar e aprender na EFe, citam-se expedições de estudos (EE) como estratégia na promoção do ensino-aprendizagem. As EE permitem ao professor e a professora propiciar aos seus alunos, para além dos muros da escola, um novo olhar sobre seu entorno e sobre si mesmo. Para Kielling *et al.* (2018) as EE deslocam os alunos do seu ambiente natural de aprendizagem, no caso a escola, provocando e estimulando novas aprendizagens em outros cenários. Para os autores, as EE proporcionam um estreitamento entre a relação

professor-aluno, uma vez que oportuniza que ambos compartilhem da mesma experiência no ambiente em questão por meio de uma motivação intrínseca e extrínseca.

Inserida nessa possibilidade cita-se a abordagem acerca de Educação Ambiental (EA) como promotora de formação de sujeitos. De acordo com a Política Nacional de Educação Ambiental (Brasil, 1999, p. 1) “a Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”. De acordo com Viçosa *et al.* (2020), o tema Meio Ambiente emerge como uma possibilidade para instigar a reflexão e a construção de novas condutas dos sujeitos frente aos cuidados com o ambiente em que estão inseridos, promovendo assim a EA.

As EE aliadas a EA permitem ampliar o olhar dos estudantes acerca da natureza, além de proporcionar a sensação de pertencimento ao ambiente geográfico. Entre diferentes cenários ambientais existentes no Brasil, cita-se o Bioma Pampa que se estende por toda região da Campanha gaúcha. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (Brasil, 2018), este bioma está restrito a 63% do estado do Rio Grande do Sul e é compartilhado por Brasil, Argentina e Uruguai. Em revisão da literatura, Moraes e Balinhas (2018), indicam que em solo gaúcho predominam estepes, planícies formadas por grande diversidade de gramíneas, morros rupestres, coxilhas, matas ciliares, butiazais, afloramentos rochosos, entre outros. As autoras ressaltam que essa região abarca ainda, variadas espécies de aves, répteis, mamíferos terrestres e a principal reserva subterrânea de água doce da América do Sul, o Aquífero Guarani (Moraes; Balinhas, 2018).

A partir do exposto, este estudo visa apresentar e analisar, baseado na literatura científica, o desenvolvimento de uma EE em uma perspectiva de EA. A proposta foi realizada por meio de trilha, com alunos do 6º ano na disciplina de Educação Física ao Arroio Salso, situado no bairro União das Vilas na cidade de Uruguai na fronteira oeste do Rio Grande do Sul (RS). Moraes e Balinhas (2018) indicam que a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura conceituam as trilhas como uma caminhada que se realiza a pé em ambientes não antropizados com diferentes graus de dificuldade e com retorno previsto para o mesmo dia.

O nome do arroio é alusivo à árvore Salso Chorão, uma planta arbórea que dependendo da região do país recebe diferentes denominações, como Salgueiro, Salso-Chorão no RS. No exterior, no Paraguai, é denominado *Sauce* e no Uruguai, *Sauce Blanco* (Carvalho, 2003). O autor aponta como produto utilizável da planta a casca do salso que contém ácido acetilsalicílico, sendo este o principal componente do medicamento aspirina, um antipirético eficaz muito conhecido atualmente. A espécie é utilizada como ornamental, para reflorestamento, para plantio em ambientes sujeitos a inundações periódicas, pois é muito tolerante a encharcamentos do solo, sendo um dos elementos mais característicos da vegetação secundária das matas ciliares gaúchas.

A proposta de EE desenvolvida toma por base a importância do desenvolvimento do conhecimento formal do ambiente pelos seus moradores, alicerçada no usufruto de uma prática corporal de aventura na natureza baseada em um método de percepção consciente do meio ambiente a partir da própria experiência (Cornell, 2008), aliando-se a uma prática de EA. Para Protti e Santos (2006) existem três modalidades de EA não formal ao ar livre, sendo: aprendizado sequencial, interpretação ambiental e educação experiencial. A interpretação ambiental proporciona o desenvolvimento de relações das pessoas com o ambiente natural, já a educação experiencial consiste no uso dos ambientes naturais, enquanto ambiente pedagógico e na interação do indivíduo consigo, com seu grupo e com o ambiente (Protti; Santos, 2006).

O aprendizado sequencial, na visão de Cornell (1997), é considerado uma maneira pela qual a EA organiza suas atividades com o objetivo de proporcionar mudanças de comportamentos. Cornell (2008) complementa que essa modalidade tem como princípio despertar o entusiasmo; na sequência concentrar a ação, após, o experienciar profundo com a natureza, e finaliza com o compartilhamento da inspiração. Deste modo, evidencia-se a relevância da ação de perceber o fenômeno do conhecimento na experiência vivida, no corpo e sentidos (Nóbrega, 2008), tecendo uma relação direta com a unidade temática prática corporal de aventura e seu objeto de conhecimento, conforme preconiza a BNCC nas orientações para a Educação Física.

Metodologia

Este estudo qualitativo, se caracteriza por ser um Estudo de Caso com perfil de pesquisa-ação. Este tipo de pesquisa, conforme Gil (2008), permite uma estreita associação com uma ação ou resolução de problema de um coletivo. Teve como sujeitos de estudo 20 educandos, entre meninas e meninos pertencentes a três turmas de 6º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, uma representante dos responsáveis pelos educandos, uma professora pedagoga e a professora responsável pela disciplina de Educação Física, totalizando 23 pessoas.

Os sujeitos do estudo, em um número significativo, não valorizavam o lugar onde viviam, o contexto familiar era formado por somente um dos progenitores ou algum parente e verbalizavam dificuldade de relacionamento com estes responsáveis, dois possuíam dificuldade com a articulação da oralidade e desenvolvimento da parte escrita. A linguagem utilizada não contemplava o respeito entre pares e, algumas vezes, também com a professora, eram infrequentes na escola, possuíam dificuldade na compreensão de letra cursiva, na interpretação de pequenos parágrafos, no manuseio de computadores e não possuíam cuidados com o material escolar fornecido pelos responsáveis ou pela escola. Outro fator relevante se refere ao perfil das meninas que, pelo atraso no horário da entrada escolar e demasiado cansaço, por serem responsáveis pelos cuidados com irmãos menores,

possuíam seu desenvolvimento escolar e a aprendizagem diretamente afetados.

Quanto ao comportamento, o Bullying era constante entre alunos e alunas, até mesmo por parte do aluno com dificuldade de fala e escrita com os demais colegas. Entretanto, apesar desse comportamento, os participantes manifestavam gostar de estar ao ar livre, fazer exercícios físicos, praticar jogos e esportes. Alguns meninos e meninas compareciam às aulas de EFe mesmo com chuva moderada, eram recebidos e atendidos pela professora pois, a escola tinha várias salas e alguns espaços vazios e cobertos.

Esta proposta foi desenvolvida em quatro momentos: **i.** Leituras sobre o local, cidade, bioma e leitura da realidade: nome das ruas que a turma irá caminhar (com auxílio do mapa), nome da árvore que dá nome ao arroio e como ela se caracteriza (verificado na primeira caminhada), conferindo nome do bairro em mapas da cidade e de biomas presentes no estado do Rio Grande do Sul (Uruguiana, 2012), leitura de *folders* da Embrapa (2010) sobre matas ciliares, leitura de texto acerca de serpentes peçonhentas produzido pelo Instituto Butantan (2006), leitura de texto sobre o Bioma Pampa e criação de perguntas acerca dos assuntos anteriores; **ii.** Na sequência os alunos deveriam responder as questões construídas pelos pares, porém sem responder aos seus próprios questionamentos, e, como atividade subsequente, realizar a segunda trilha; **iii.** Produção de escritas individuais sobre a trilha realizada, trocas de ideias organizados em grupos e com utilização de computadores da escola, e, **iv.** Seleção de uma dupla mista para apresentação do trabalho na Feira de Ciências da escola.

As realizações das trilhas, conforme orientação de Cornell (1997), foram adaptadas acerca da aprendizagem sequencial. A fase de despertar o entusiasmo foi contemplada na trilha inicial de ida ao ambiente desejado; a fase de concentrar a ação se deu na observação da árvore, de diferentes animais e da vegetação do ambiente; a experiência direta se efetivou na etapa de conhecimento da mata ciliar, observação de resíduos descartados pela população no referido espaço, na escuta de sons oriundos do ambiente e o momento de atividade lúdicas por meio de brincadeiras infantis; a fase de compartilhar a inspiração se deu ao retornar a escola, houve troca de percepções sobre o observado e em aula posterior por meio de rodas de conversa e registro escrito, com utilização de computadores, sobre todas as atividades desenvolvidas na EE.

Na primeira trilha, com visita ao arroio, ocorreram a identificação da árvore Salso que dá nome ao arroio, brincadeiras livres, elegidas pelos jovens na área de campo próximo ao cenário. A segunda trilha foi realizada cinco dias após a primeira visita ao arroio Salso, essa etapa foi pautada na vivência de uma atividade na natureza, conforme orienta Cornell (1997) (escuta dos sons da natureza), e finalizada com roda de conversa como síntese final.

Como ferramentas tecnológicas foram utilizados celulares para registros fotográficos e material para anotações. Solicitou-se ainda, que

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 5: 188-201, 2024.

levassem um pequeno lanche para ser compartilhado, água, um par de chinelos, protetor solar, boné e o uso de camisetas da escola para melhor identificação. Para tratamento e análise dos dados se utilizou uma aproximação da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2016), com pré-análise dos dados, exploração do material e interpretação de discurso.

Como preceito ético foi assinado pelos responsáveis os Termos de Consentimento e liberação de imagem para autorizarem os estudantes a participarem da caminhada. Ocorreu a solicitação ao morador de uma propriedade para a passagem às cercanias do arroio Salso e mata ciliar por meio de documento assinado pela direção, o qual apresentava a professora responsável ao morador.

Resultados e Discussão

As EE são ferramentas que possibilitam explorar diferentes cenários, para além dos muros escolares. Para Kieling *et al.* (2018), as EE representam a preocupação do professor em buscar estratégias de ensino construindo novas ferramentas, que favoreçam o processo de ensinar e aprender. Deste modo, ao realizar a primeira etapa da proposta, que consistiu na prática de leituras sobre a cidade, eventos culturais e bioma, foi possível realizar uma leitura da realidade. Essa proposta se deu a partir da caminhada ao ar livre no bairro periférico União das Vilas com saída da escola no início da tarde e retorno, ao final da tarde.

A trilha permitiu percorrer várias ruas de terra batida e poucas construções no trajeto. O grupo transitou por ambientes de pequenas plantações e foi possível observar terrenos livres de construções com pastagem para cavalos e vacas, moradias com habitantes sentados a frente de suas casas conversando e tomando chimarrão, lugares espaçosos para treinamento de cavalos e arremessos de laço. Dentro da perspectiva de atividade ao ar livre, foi possível ainda escutar sons de aves e animais que não se escutam na cidade, além de barulhos provenientes das casas de pessoas desconhecidas conduzindo suas vidas diárias. Para Moraes e Balinhas (2018, p. 94) o trilhar vai ao encontro da produção de outros sentidos e significados, estabelece outras relações com o ambiente, percebe ritmos, paisagens, sons e cheiros fazendo com que o sujeito se sinta parte do lugar.

Anteriormente, como atividade prévia, na fase de despertar o entusiasmo, os educandos identificaram em sala de aula o nome do bairro e do bioma em mapas da cidade e do estado do Rio Grande do Sul. Outro material disponibilizado ao grupo foi um *folder* sobre matas ciliares e serpentes peçonhentas, possíveis habitantes do lugar a ser percorrido. Após leitura de um texto sobre o Bioma Pampa, produzido por Moraes (2018), foram instigados a, em grupos, elaborar perguntas acerca destes assuntos para serem respondidos por seus colegas de outros grupos (Figura 1). Conforme, Bochniak e Torres (2003) é importante questionar o conhecimento, elaborar perguntas e

responder, deslocando o papel de responsável pela elaboração de perguntas sobre o assunto estudado, do professor para o aluno.



Figura 1: Elaboração de questionamentos
Fonte: Autoria própria.

O desenvolvimento da proposta vai ao encontro do que indica Nóbrega (2008) sobre estimular o caminhar, o olhar, o conversar, o interagir e perceber-se como parte integrante da natureza. Entende-se que esses momentos permitem usufruir da alegria de estar em grupo ao ar livre, com abundante ar puro e sem a pressão de nenhuma performance relacionada a alguma prática corporal. Vale ressaltar que na Geografia, em sua corrente Humanística, encontrou-se que o lugar possibilita explicar a construção do mundo, o lugar é visto como o mundo da vida, marcado pela experiência e percepção (Moreira; Hespanhol, 2011).

No decorrer da EE, na fase de concentrar a ação, a turma, ao ser estimulada, relembrou ao caminhar o nome das ruas que estavam percorrendo e que haviam visualizado no mapa da cidade. Outro ponto significativo foi o reconhecimento, pelos alunos, da árvore que dá nome ao arroio e identificação de características, como folhas, caule etc. (Figura 2). Conforme o Aluno 3: “Foi possível vermos a árvore Salso que dá o nome ao arroio. Ela é alta com folhas claras e com galhos compridos e finos”.



Figura 2: Árvore Salso Chorão
Fonte: Autoria própria.

Neste momento, ocorreu também a observação de pássaros e seus ninhos, pedaços de galhos caídos pela grama, pequenos cascudos

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 5: 188-201, 2024.

percorrendo os galhos no chão, outro tipo de árvore com florinhas amarelas (Figura 3): o Espinilho. Essa árvore se caracteriza por ser de estatura baixa e arredondada, conforme o Aluno 4, “Ela tinha muitas florezinhas amarelas e espinhos”.



Figura 3: Árvore Espinilho e suas flores.

Fonte: Autoria própria.

Nesta etapa ocorreu o reconhecimento do lugar (Figura 4). O conceito de lugar, para Tuan (1983, sp) é “segurança [...] pode ser a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria.”. Para Tuan (1983, sp) o lugar é experiência. “Experientiar é aprender [...] O que pode ser conhecido é uma realidade que [...] é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento.” (sublinhado pelo autor). O experienciar está demonstrado no olhar do Aluno 4: “Quando chegamos as galinhas de Angola saíram correndo. Insetos pretos e vermelhos caminhavam sobre um tronco velho de árvore. Vimos ninhos de caturritas numa arvorezinha”.

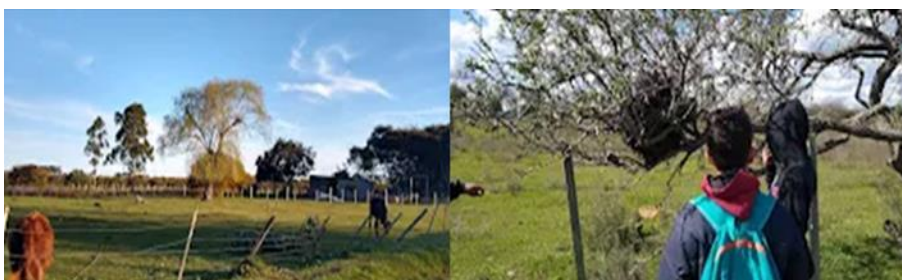


Figura 4: Reconhecimento de lugar

Fonte: Autoria própria.

A sistematização da percepção da turma acerca da atividade, ainda na perspectiva de concentrar a ação, ocorreu no compartilhamento de lanches e conversas sobre o que havia sido visto e estudado. Outro ponto de relevância sucedeu a partir do desfrute de um gramado com algumas árvores, no qual relaxaram em suas sombras, observaram, conversaram sobre o arroio, constatarem suas matas ciliares, a água, sua profundidade e cor, ouviram sons de alguns pássaros e ruídos de empresas situadas há alguns quilômetros de distância. Após compartilhamento das observações houve um momento lúdico com brincadeiras escolhidas pela turma como pega-pega, batatinha frita, entre outras (Figura 5). Conforme relato de aluno “Naquela grama baixa e verdinha,

conversamos, lanchamos e brincamos de pega-pega, de esconder e de batatinha frita” (Aluna 7).



Figura 5: Momento de sistematização e recreação.
Fonte: Autoria própria.

De acordo com o Aluno 06 “Fechamos os olhos para escutar o som da natureza como o vento, os quero-queros, caturritas e risadas dos colegas”. O momento descrito vai ao encontro da fala de Cornell (2008) sobre a promoção de momentos interessantes, com turmas de crianças, jovens ou adultos, de maneira lúdica é possível despertar o perceber-se na natureza. O estímulo de diferentes formas de leitura da realidade, partindo do respeito a diversidade, contribui para a construção de valores voltados à sustentabilidade da vida em suas múltiplas dimensões (Cornell, 2021, p. 8).

Após esse momento foi organizado o retorno para escola e algumas educandas solicitaram registro fotográfico em torno de uma árvore da espécie Eucalipto (Figura 6), a qual acharam muito bela e graúda e que, com frequência, está presente em campos formando, de maneira antrópica, florestas de eucaliptos no Bioma Pampa. Ressalta-se que essa espécie não é natural deste bioma, sendo introduzida no Brasil advinda da Oceania com fins comerciais, como, por exemplo: extração da madeira (De Vechi; Magalhães Júnior, 2018).



Figura 6: Registro das alunas com a espécie Eucalipto.
Fonte: Autoria própria.

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 5: 188-201, 2024.

Na fase de experiência direta a trilha contemplou ambientes abertos, com poucas construções, relativamente naturais, pouco antropizadas, e a turma estranhou encontrar alguns descartes inorgânicos na mata ciliar. “Fomos caminhando até a mata ciliar e encontramos lixo em uma cerca. Tinha pouca água no arroio, ela era escura, tinha pedras e barro no fundo” (Aluno 5). A Figura 07 retrata esse momento da mata ciliar e do Arroio Salso.

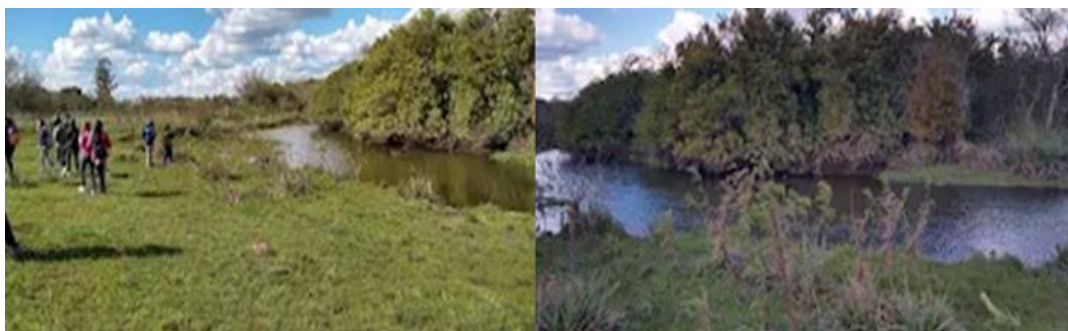


Figura 7: Registro dos alunos observando a mata ciliar

Fonte: Autoria própria.

Ao caminhar, observar, conversar e brincar se percebeu, de forma nítida, que a proposta desenvolvida por meio da EE se configurou como um momento interessante em que a turma experienciou o lúdico, estranhou o som do vento e sua umidade, observou com maior interesse flora e fauna do local, usufruindo da alegria de estar em grupo, ao ar livre, conversando com a professora. Kieling *et al.* (2018, p. 25) explicam que as EE proporcionam um estreitamento entre a relação professor - aluno uma vez que permitem que ambos compartilhem da mesma experiência no ambiente em questão.

A etapa subsequente planejada para a EE não se realizou totalmente pela exiguidade do tempo necessário para responder as perguntas. Havia previsão de chuva e, então se optou pela realização da segunda trilha ao local, sendo que nesta, a professora não contou com acompanhantes adultas. Para Guirra e Mourão (2017) o planejamento, pautado na construção de conhecimentos adquiridos da inter-relação entre o educando e o educador, é importante para que se obtenha sucesso no processo de ensino aprendizagem.

Após a realização da segunda trilha os alunos foram reunidos na sala de informática da escola (fase de compartilhar a inspiração) para expressarem suas percepções na participação da prática corporal de aventura na natureza realizada por meio da EE. A partir do uso da tecnologia e de um roteiro predeterminado pela professora responsável, eles descreveram seus principais achados nessa atividade, conforme registrado na Figura 8.

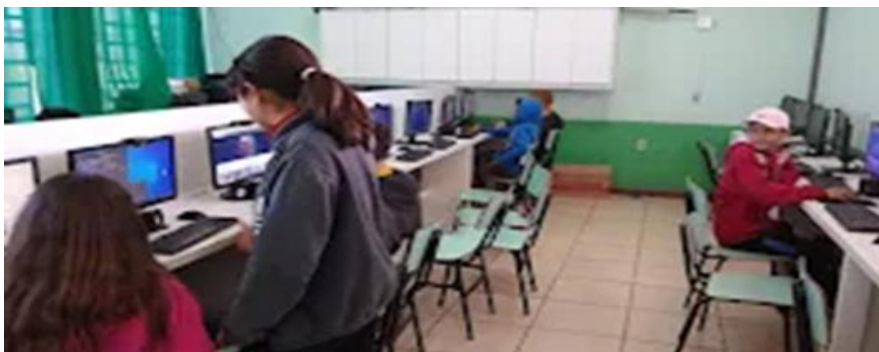


Figura 8: Registro das percepções sobre a EE na sala de informática.

Fonte: Autoria própria.

Na etapa final efetuou-se a seleção de uma dupla mista para apresentação do trabalho na Feira de Ciências da escola. A dupla reuniu-se com a professora responsável e escreveram o que pretendiam falar ao público sobre o ocorrido e pesquisado. Como organização, selecionou-se, com auxílio da professora, fotos e escritas que foram agregadas aos dois cartazes. Cada educando escolheu uma parte do trabalho para explanar, objetivando-se frases curtas e de simples compreensão para serem claramente compreendidos por colegas e familiares visitantes da feira. No decorrer da feira de Ciências, várias pessoas, adultas e colegas, vieram prestigiar a apresentação e a dupla demonstrou ter conhecimento e apropriação sobre o tema apresentado (Figura 9). Em relação a Feiras de Ciências, Mancuso (2006) entende que:

Feira de Ciências são eventos sociais, científicos e culturais realizados nas escolas ou na comunidade com a intenção de durante a apresentação dos estudantes, oportunizar um diálogo com os visitantes, constituindo-se na oportunidade de discussão sobre os conhecimentos, metodologias de pesquisa e criatividade dos alunos em todos os aspectos referentes à exibição dos trabalhos (Mancuso, 2006, p. 84).



Figura 9: Registro dos alunos na Feira de Ciências.

Fonte: Autoria própria.

Corroborando, Macedo (2017) discorre que as Feiras de Ciências são estratégias de ensino e explica que a ideia de realizar feira na escola visa motivar estudantes a pesquisarem e aprenderem de outras áreas do saber. Ratifica que “O ‘aprender fazendo’ desenvolveu o prazer, que antes era menor ou ausente, pelas Ciências.” (Macedo, 2017). A partir dessa atividade das duas

Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 5: 188-201, 2024.

trilhas e da apresentação na Feira de Ciências, foi perceptível a ocorrência de mudanças positivas em relação a fala, autoestima, frequência em aula, inclusão de colegas, respeito aos pares.

As EE realizadas demonstram a importância dos jovens conhecerem seu território geográfico e se apropriarem desses espaços. Propicia o desenvolvimento do sentimento de pertencimento, o cuidado com o que é seu. Cuida-se o que se conhece, enfatizam as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) “cuidar é educar, envolvendo acolher, ouvir, encorajar, apoiar, no sentido de desenvolver o aprendizado de pensar e agir, cuidar de si, do outro, da escola, da natureza, da água, do Planeta” (Brasil, 2013, p. 18). Em síntese, a proposta desenvolvida promoveu reflexões, interpretações e sentimento de pertencimento que foram transmitidas aos colegas e adultos a partir da explanação da atividade na Feira de Ciências da escola.

Considerações Finais

Este estudo, que teve por objetivo apresentar e analisar o desenvolvimento de uma EE, realizada por meio de trilha com alunos do 6º ano na disciplina de Educação Física, permite concluir que a atividade proposta contribuiu para a mudança de postura atitudinal e procedimental dos alunos participantes da EE. A partir deste fato infere-se que as EE são estratégias potencializadoras do desenvolvimento dos alunos, tanto na questão comportamental como na de conscientização ambiental.

As trilhas, como estratégias de ensino, favoreceram o pertencimento ao ambiente visitado, além de estimularem a curiosidade sobre diferentes questões que emergiram no decorrer da caminhada. Outro fator, que merece destaque, refere-se a questão emocional dos alunos, ocorrendo diversos momentos de manifestação de alegria e afeto entre os colegas, além da redução de Bullying com meninas e com colega com laudo de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

O tempo empregado para a realização da atividade rendeu uma melhoria na escrita, na fala e na autoestima dos estudantes. A expedição de estudos corrobora com a BNCC (2023), pois os estudantes vivenciaram experiências lúdicas, estéticas e emotivas ao caminharem, descobrirem plantas, aves e animais, sentirem o vento e os ruídos produzidos por famílias e empresas do local. Verifica-se assim, que a proposta seguiu as orientações previstas na BNCC para Educação Física, a qual considera que essa não se restringe à racionalidade típica dos saberes orientados por outros componentes curriculares do Ensino Fundamental.

Demonstra-se dessa maneira que a contextualização entre EFe e o Tema Contemporâneo Transversal - Meio Ambiente e EA foi contemplado na EE ao resultar na produção de conhecimento dos educandos. Evidencia-se assim que as EE são estratégias pedagógicas que contribuem para a percepção e apropriação do educando sobre o seu contexto ambiental. Como ampliação do estudo, indica-se a necessidade de conduzir esse assunto

pesquisado para um grupo maior de estudantes e, assim dialogar sobre a percepção acerca do meio em que habitam e da vivência estética possibilitada pela EA articulada com a EFe.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. **Lei nº 9.795**, de 27 de abril de 1999. Trata sobre a Política Nacional de Educação Ambiental, DF, 1999. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm>. Acesso em: 18 dez. 2023.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>>. Acesso em: 03 nov. 2023.
- BRASIL. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC**: contexto histórico e pressupostos pedagógicos. Brasília: MEC, 2019.
- CARVALHO, P. R. Espécies arbóreas brasileiras. **Embrapa Informação Tecnológica**, v.1, p. 821-827, 2003.
- CORNELL, J. **A alegria de brincar com a natureza**: atividades na natureza para todas as idades. São Paulo: SENAC, 1997.
- CORNELL, J. **Vivências com a natureza**: guia de atividades para pais e educadores. 3ª ed. São Paulo: Aquariana, 2008
- CORNELL, J. **Vivências com a natureza 2**: novas atividades para pais e educadores. 3ª ed. São Paulo: Aquariana, 2021.
- DARIDO, S. C. *et al.* **Práticas corporais**: Educação Física - 6º a 9º anos/ Manual do professor. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2018.
- DE VECHI, A.; JÚNIOR MAGALHÃES, C. A. O. Aspectos positivos e negativos da cultura do eucalipto e os efeitos ambientais do seu cultivo. **Revista Valore**, v. 3, n. 1, p. 495-507, 2018.
- EMBRAPA. **Panfleto Matas Ciliares-revitalização dos recursos naturais**. EMATER/RS. Porto Alegre: ASCAR, 2010.
- FRAGA, A. B.; GONZÁLEZ, F. J. Educação Física. *In*: **Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul**: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Rio Grande do Sul. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. Secretaria de Estado da Educação. – Porto Alegre: SE/DP, 2009. v.2.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUIRRA, F. J. S.; MOURÃO, R. L. C. A importância do planejamento para a educação física escolar: repensando novas metodologias, debatendo velhas
- Revbea, São Paulo, V. 19, Nº 5: 188-201, 2024.

práticas. **Anais** do XII Congreso Argentino y VII Latinoamericano de Educación Física y Ciencia, 2017.

HEIDEN, G. *et al.* Uso de plantas arbóreas e arbustivas nativas do Rio Grande do Sul como alternativa a ornamentais exóticas. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007.

INSTITUTO BUTANTAN. **Cobras Venenosas do Brasil**: com mapas de localização, como prevenir acidentes, primeiros socorros e telefones de urgência. 2006. Disponível em: <<https://acesse.one/mQyLr>>. Acesso em: 04 out. 2023.

KIELING, K. M. C. *et al.* Além dos muros da escola: expedições de estudos como estratégia de ensino para potencializar aprendizagens. *In*: SILVA, F. F.; DUTRA, C. M. **Subprojeto PIBID Ciências da Natureza**: ações, intervenções e reflexões de pibidianos(as). São Leopoldo: Oikos, 2018. 173 p.

MACEDO, K. O. A feira de ciências como estratégia de ensino. *In*: **Anais IV CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35200>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

MANCUSO, R. Feira de Ciências: produção estudantil, avaliação, consequências. **Contexto educativo**: Revista Digital de Educación y Nuevas Tecnologías, n. 6, 2000. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1024170>>. Acesso em: 27 out. 2023.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, M. E. V.; BALINHAS, V. L. Trilha no cerro do Jarau: um estudo com acadêmicos/as do curso de licenciatura em Educação Física. *In*: DINARDI, A.; CUNHA, Á.; CASTRO, L. R. **Educação Ambiental**: discussões ambientais através de práticas pedagógicas em Uruguaiana. 1ª ed. – Uruguaiana: EdUNIPAMPA, 2018.

NÓBREGA, T. P. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, vol. 3, n. 2, p. 141-148, 2008.

TORRES, P. L.; BOCHNIAK, R. **Uma leitura para os temas transversais**: ensino fundamental. Curitiba: SENAR, 2003.

UNESCO. **Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023**: Tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem? Paris: UNESCO, 2023.

URUGUAIANA. **Mapa turístico de Uruguaiana**: Pontos turísticos, telefones de utilidade pública e de alguns serviços, história, economia, praia e fauna do Parque Natural Municipal, 2012.

VIÇOSA, C. S. C. L. *et al.* Meio Ambiente como Tema Transversal no contexto de Cursos Experimentais de Curta Duração e da Metodologia da Problemática. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 15, n. 1, p. 09–26, 2020.